

Educação sexual na adolescência: O enfermeiro pode ajudar?

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.007-060>

Ivani Pose Martins

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil
Doutora

Jeniffer Stefany de Souza Santos

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil
Graduada

Liliane Aparecida da Costa Silva

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil
Graduada

Lívia Maria Vieira

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil

Graduada

José Carlos Leal

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil
Doutor

Sandra de Almada Mota

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil
Doutora

Fernando Sérgio Barbosa

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), Brasil
Doutor

RESUMO

O estudo tem como objetivo analisar o quanto os adolescentes têm sido orientados no tocante à sexualidade. Foram pesquisados na literatura artigos e estudos publicados nos últimos anos (2018-2022) no idioma português, que abordavam a educação sexual em adolescentes. Em todo o estudo foram abordados adolescentes da faixa etária de 13 a 19 anos, estudantes de todo ensino da federação Brasileira, em escolas e postos de saúde, em instituição pública de ensino, do sexo feminino e sexo masculino, com embasamento na atuação do enfermeiro para orientação. Com a atuação do enfermeiro na educação dos adolescentes para a orientação quanto a métodos preventivos, prevenção contra gravidez indesejada e quanto à relação segura, poderão ter o aprendizado que na escola ou em casa não recebem, poderão ter abertura para perguntas com o profissional da área da saúde, que é mais orientado para responder essas dúvidas e solucionar os problemas enfrentado por essas gerações.

Palavras-chave: Enfermeiro, Educação sexual e adolescentes.



1 INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada por profundas mudanças físicas, sociais e psicoemocionais, e representa um dos momentos mais vulneráveis do ciclo vital humano. Nessa fase, são demonstrados os impulsos para o desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual, social e seus esforços para se adequar às expectativas culturais (SEHNEM, 2019).

A adolescência, fase intermediária do desenvolvimento humano que compreende a segunda década de vida, é marcada por dúvidas e preocupações, principalmente a respeito das escolhas atuais, do cuidar de si e das perspectivas para o futuro. A adolescência é um período que aumenta a autonomia, imaturidade social e comportamentos de risco que podem causar repercussões na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, com maior risco de práticas sexuais desprotegidas e não planejadas, aquisição de infecções sexualmente transmissíveis (IST's), gestações indesejadas e prática de abortos (SANTARATO, et al., 2022).

Quanto à sexualidade na adolescência, Veneziani e Alonso (2022) reforçam a importância de reconhecer que é nessa fase que acontece a introdução a um “novo universo”, do qual se tem conhecimento escasso, assim, nada mais propício do que o maior momento de diálogo e debate sobre o assunto ocorrer nesse momento.

Entretanto, na maioria das vezes, os pais não se sentem confortáveis para falar dessas novas sensações com seus filhos, criando um preconceito em torno da sexualidade. Sem informações corretas e adequadas, os adolescentes ficam mais suscetíveis a iniciar a vida sexual sem qualquer orientação (FERREIRA, 2021).

Nesse contexto, os serviços de Atenção Primária à Saúde (APS), o primeiro nível de atenção, acolhendo usuários e famílias, estabelecendo vínculos e a responsabilização da atenção individual e coletiva, podem contribuir com ações de promoção e prevenção de agravos voltados aos adolescentes (ALVARENGA et al., 2021). Dessa forma, considerando que a saúde sexual é definida como o estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação ao exercício da sexualidade, e não apenas à ausência de Infecções sexuais, disfunções ou enfermidades (ARAÚJO et al., 2021), a precocidade da iniciação sexual associada ao aumento das taxas de Doenças Sexualmente Transmissíveis (A partir de novembro de 2016, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais passou a usar a nomenclatura IST(Infecções Sexualmente Transmissíveis) no lugar de DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) entre os adolescentes exige uma intervenção por parte dos profissionais de saúde (HUGO et al., 2011).

Nesse sentido, o enfermeiro pode contribuir significativamente na atenção à saúde dos diferentes grupos populacionais, incluindo os adolescentes. Os direitos sexuais e reprodutivos são considerados fundamentais juntos ao direito à vida, à alimentação, à saúde, à moradia e à educação para o pleno exercício da cidadania. Existem situações que afetam a saúde sexual de adolescentes e que

interferem, desfavoravelmente, no início seguro da vida sexual como a precariedade de estilo de vida, iniquidades de gênero, silenciamentos, negação de direitos sexuais, informações desqualificadas, desigualdades sociais e econômicas. Estas demandam um olhar cuidadoso dos adultos e uma abordagem multidisciplinar quanto à oferta de ações de saúde efetivas e duradouras e que façam sentido para o adolescente e que lhe permita desenvolver autonomia sobre seu cuidado (SANTARATO et al., 2022).

As ações de educativas voltadas para o adolescente devem contemplar a saúde sexual e reprodutiva, dúvidas e medos acerca da temática abordada e, além de tudo, a identificação do contexto cultural o qual está inserido, pois as estratégias devem condizer com sua realidade de modo a serem efetivas (GOTARDO; SCHMIDT, 2022).

Com base no exposto, o objetivo do presente estudo é verificar, por meio da literatura, o papel do enfermeiro na educação sexual de adolescentes.

2 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa de revisão sistemática qualitativa foram utilizados os passos descritos por Sampaio e Mancini. Esse método de pesquisa tem sua importância para a formulação de uma síntese crítica e apresentação de evidências sobre um tema. A base de dados utilizada foi a Lilacs, por concentrar bibliografias da área da saúde dos países da América Latina e do Caribe, com artigos e revistas de acesso gratuito e livre, incluindo as revistas científicas dessa área do conhecimento da base Scielo.

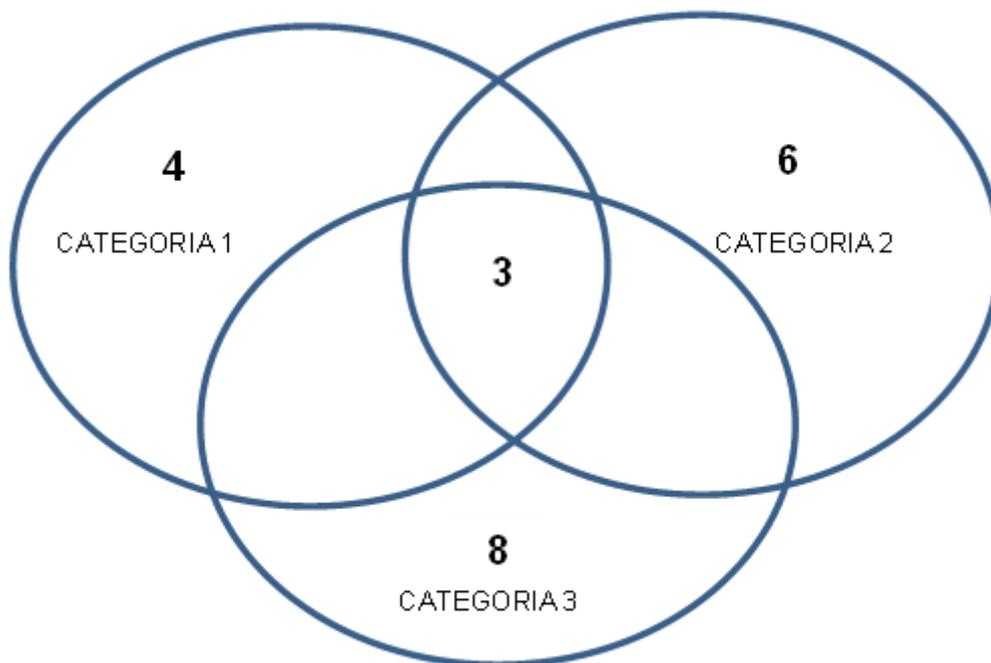
As estratégias de busca realizadas entre os meses de fevereiro a maio de 2023 foram definidas, previamente, determinado como critério de inclusão todos os estudos sobre educação sexual de adolescentes, publicados como artigos em revistas e periódicos científicos, entre os anos de 2018 a 2022, em língua portuguesa. Os descritores em saúde (DeCS) foram (“educação” AND “sexual” AND “adolescentes”) e como filtros de busca foram usados “texto completo” últimos “5 anos” e em “português”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram recuperados 1.579 artigos. Utilizou-se como critério de exclusão, artigos em outros idiomas, anteriores a 2018 e que não estavam relacionados ao tema. Assim, foram selecionados 21 artigos que foram organizados em três categorias: 1. Educação sexual em adolescentes; 2. Infecções sexualmente transmissíveis; e Gravidez na adolescência.

Os artigos selecionados foram quantificados por categorias e suas interseções em mais de uma delas, estão representadas na FIGURA 1.

Figura 1 - Distribuição de artigos segundo as categorias e interseções encontradas



Fonte: dados do pesquisador

A evolução e a concentração das publicações sobre o tema com artigos organizados por ano, categorias, objetivos e resultados das pesquisas, estão representadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Concentração das publicações por ano, categoria, objetivos e resultados

Referência	Categoria	Objetivos	Resultados
2022			
COSTA et al., 2022	3	Relatar experiência na realização de práticas educativas com puérperas adolescentes em uma maternidade pública.	Verificou-se falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos entre as puérperas. Relacionado ao comportamento sexual, observou-se timidez, retraimento e até medo de falar, principalmente quando acompanhadas. Os autores citam a importância da interação profissional-usuário.
LIMA et al., 2022	2	Analisar as evidências científicas acerca das práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência	Os resultados sugerem que práticas dialógicas e participativas a respeito das ISTs, de longa duração, realizadas em grupo e no ambiente escolar favorecem a adesão à participação nas atividades educativas e são mais bem recebidas e avaliadas pelos adolescentes. Além disso, demonstrou-se a necessidade da realização constante de ações na temática, visto a diminuição de publicações evidenciada. Assim, sugere-se que essas compreendam o jovem em sua complexidade, sendo realizadas em escolas, serviços de saúde e domicílio.
JESUS et al., 2022	1	Identificar o conhecimento de pais ou responsáveis por adolescentes de uma cidade de Minas Gerais sobre sexualidade,	A pesquisa mostrou resultados positivos em relação à educação sexual dos filhos visto que a maioria deles concorda que essa é de responsabilidade dos pais e também dever da escola. Observou-se um déficit no conhecimento dos adolescentes e seus pais sobre IST e gravidez precoce, o que reflete a percepção dos pais em relação à educação sexual dos filhos e a tomada de decisão deles.

		responsabilização sobre educação sexual e percepção de risco.	
SANTARATO et al., 2022	1,2,3	Caracterizar as práticas sexuais dos adolescentes e sua associação com variáveis sociodemográficas, fontes de informações e hábitos comportamentais.	Os resultados deste estudo permitiram descrever a diversidade de práticas sexuais dos adolescentes, com a predominância do sexo oral, seguido pelo vaginal e anal, com tendência de iniciação precoce, influência do gênero e a associação da utilização de álcool, drogas e cigarro com as atividades sexuais. Esses achados enfatizam o papel do enfermeiro no planejamento e realização de intervenções de educação em saúde no âmbito da APS, em integração com as escolas, famílias e comunidade, acerca da promoção, proteção e cuidado integral à saúde do adolescente. Outra relação foi na iniciação do sexo seguro com o contexto familiar, elucidando o fato de que um ambiente familiar mais acolhedor, aberto ao diálogo, gera impacto importante no processo de decisão de relacionar-se sexualmente de formas mais ou menos seguras e necessitam ganhar espaço na elaboração das políticas públicas voltadas à saúde do adolescente.
2021			
ANDRADE et al., 2021	2	Avaliar o conhecimento de adolescentes e jovens sobre questões relacionadas ao sexo, na cidade de Monte Alegre do Piauí (PI). O intuito foi de caracterizar o perfil sociodemográfico e identificar os conhecimentos sobre métodos contraceptivos, IST e gravidez nesses períodos do desenvolvimento humano.	A coleta de dados evidenciou que 97,5% (n=79) dos participantes já haviam praticado sexo, tendo iniciado com idade média de 15,5 anos. O preservativo foi o método contraceptivo mais conhecido, no entanto, observou-se que os adolescentes e jovens não se preveniram em todas as relações sexuais, mesmo cientes das consequências da não prevenção. Percebeu-se fragilidade dialógica entre os indivíduos, família e escola; a conversação sobre o assunto no âmbito familiar e escolar ainda era receosa e pouco atrativa.
SOARES; HELLMANN, 2021.	2	Identificar as questões éticas relacionadas à PrEP em adolescentes na literatura científica atual e discutir seu impacto na implementação dessa estratégia de prevenção.	As questões identificadas podem diminuir o potencial impacto da PrEP nas novas infecções pelo HIV na população adolescente. É necessário aprofundar as discussões sobre o tema, pois existem evidentes lacunas em relação à ética e à prevenção do HIV em adolescentes, principalmente nas minorias sexuais, tanto na pesquisa quanto na assistência, e que podem se traduzir em barreiras à sua efetiva implementação.

DEMORI et al., 2021	3	Compreender o significado cultural da gravidez para gestantes adolescentes.	<p>Percebe-se que as adolescentes constroem sua identidade de mãe, a partir de sua vivência gestacional e da construção de uma identidade de mulher-mãe. O estudo demonstra, também, que a sociedade vem sofrendo mudanças ao longo do tempo e que estas vêm influenciando as representações acerca da maternidade, evidenciando a existência de elementos como o desejo de ser mãe, mesmo sendo adolescente. Tanto as famílias quanto os parceiros das adolescentes são apoiadores da gravidez, mesmo que, primeiramente, a descoberta da gravidez cause dúvida e ansiedade às adolescentes.</p> <p>Apesar de a gravidez na adolescência se caracterizar, no sentido geral, como advento fora de hora e atrelado a outros constituintes de conotação negativa, ela também é elaborada e percebida pelas adolescentes como evento gerador de condicionantes positivos.</p>
VIEIRA et al., 2021	1,2, 3	Identificar os conhecimentos de adolescentes sobre práticas sexuais seguras e identificar as necessidades de informação dos adolescentes sobre	<p>Os adolescentes apresentaram concepções prévias e eventualmente superficiais a respeito da prevenção de IST e da gravidez. As participantes do sexo feminino apresentaram maior conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e práticas</p>
		infecções sexualmente transmissíveis e gravidez.	de sexo seguro. A identificação de deficiência no conhecimento apresentada pelo grupo investigado recomenda a realização de atividades relacionadas ao tema da educação sexual nas escolas.
MARCONDES et al., 2021	1	Identificar a expectativa dos adolescentes sobre educação sexual; caracterizar o perfil socioeconômico e cultural dos adolescentes	Os autores concluem que cabe a escola e a família considerarem sua importância no contexto do processo de educação sexual, e isso diminuiria a interferência do uso dos meios de comunicação pelos adolescentes. Nesse sentido, reflete-se sobre a relevância da atuação do enfermeiro no processo de Educação Sexual na escola, cuja participação não foi mencionada neste estudo. O enfermeiro, como educador, torna-se essencial na educação em saúde voltada para a questão da sexualidade. Por fim, cabe a ressalva de que a sexualidade tem caráter interdisciplinar. O preparo e a formação do profissional da saúde e da educação devem ser valorizados no que tange a educação sexual.
AZEVEDO; COSTA, 2021	2	Definir quais as principais causas e tratamentos da IST no Brasil. Busca-se elucidar a seguinte questão: de que maneira a enfermagem pode contribuir de forma significativa para a conscientização das infecções causadas pela IST na adolescência?	Os resultados obtidos tiveram seu alicerce baseado na teoria que o enfermeiro pode ser muito mais que exercer a prevenção do adolescente, a enfermagem pode além de tudo saber ouvir e dialogar com os adolescentes e suprir todas as suas dúvidas a respeito da sexualidade. As teorias apresentadas demonstram que faltam um alicerce na escola, na família e na sociedade. Sabe-se que apenas através de programas de saúde pública que funcionem os adolescentes sentirão mais seguros, em falar e desmitificar os preconceitos existentes referente ao tema.
2020			

RIZZON et al., 2020	2	Avaliar o comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em estudantes do ensino médio de Urussanga-SC.	<p>A amostra foi constituída por 178 indivíduos, majoritariamente composta pelo sexo feminino (61,4%), e a média de idades foi de 16 anos ($\pm 1,04$). Do total, 50% haviam iniciado as atividades sexuais. Entre o sexo feminino, 48,1% relataram um parceiro, já o sexo masculino, 40,7% relataram quatro ou mais.</p> <p>Sobre conhecer sobre manifestações de ISTs, 62,4% informaram dor na região genital como sinal de alerta, todavia a presença de feridas e corrimento foi reconhecida por menos de 40% dos adolescentes. A maioria dos adolescentes já recebeu orientações e tinham conhecimento sobre sexualidade, porém, resultados demonstram falha no entendimento, o que evidencia a importância da educação sexual nas escolas. É necessário aumentar a visibilidade do tema, problema que permanece na sociedade atualmente e é agravado pela falta de políticas públicas adequadas. É preocupante também o aumento da não utilização do preservativo da primeira para a última relação sexual, principalmente entre o sexo feminino. Ficou evidente o entendimento dos adolescentes quanto à importância do preservativo, porém o hábito de não o usar se repete. Isso levanta a hipótese de que a</p>
			<p>maior preocupação atual do jovem pode ser a gravidez indesejada, visto que grande parte do sexo feminino da amostra estudada teve aumento do uso de anticoncepcionais, concomitantemente com a diminuição do uso de preservativo. Os resultados obtidos demonstram uma falha no real entendimento, e mostram a necessidade de abordagem do tema, antes da idade de iniciação sexual, nas escolas e ambiente familiar, locais relatados como de preferência. A faixa escolar é a principal favorecida com essa educação, visto que é nessa idade que se iniciam as atividades sexuais.</p>
LOPES et al., 2020	3	analisar a tendência temporal e os fatores associados à gravidez na adolescência, segundo as características maternas, da gestação, parto e do recém-nascido, entre os anos de 2000 e 2015, no município de Maringá, no estado do Paraná (Maringá-PR).	<p>A análise dos dados permitiu conhecer a tendência e os fatores associados à gravidez na adolescência, sugerindo situações de risco que podem decorrer deste evento. Apesar de ser um estudo local, possibilitou o levantamento de informações que podem ser utilizadas para propor, fundamentar e/ou melhorar as estratégias de saúde do adolescente, da mãe adolescente e do recém-nascido. No município estudado, algumas situações de risco se apresentaram associadas à gravidez na adolescência. Diante disso, é preciso avaliar individualmente cada região e verificar se, dependendo das características, essas gestantes realmente não apresentam riscos. Profissionais de saúde devem estar envolvidos nas ações de prevenção à gravidez na adolescência, discutindo as suas efetividades. É importante ouvir e aproximar-se das famílias e dos adolescentes, estimulando-os a pensar em suas escolhas e incentivando-os a respeitar os limites para o desenvolvimento de uma sexualidade segura.</p>
2019			
CARVALHO; OLIVEIRA, 2019	3	Descrever a percepção de adolescentes gestantes sobre a assistência de enfermagem ao pré-natal.	<p>Pode-se inferir que houve concordância de que há necessidade de ampliação e melhoria da assistência pré-natal realizada pelo enfermeiro, como prestar esclarecimento dos exames que são solicitados durante as consultas e estar atento, observando as reações das adolescentes gestantes, que muitas vezes, podem demonstrar dúvida. Destarte, acredita-se que esse estudo possa contribuir para a reflexão da atuação do enfermeiro nas consultas de pré-natal, especialmente do público adolescente. Assim, propõe-se que novas investigações sejam desenvolvidas, buscando-se evidenciar aspectos ímpares da atuação do enfermeiro, visando acompanhar o modo como se configura a sua assistência nessas consultas.</p>

SILVA et al., 2019	1	avaliar as estratégias de educação em saúde utilizadas com adolescentes, a partir das publicações existentes em revistas científicas.	<p>Foi possível evidenciar as estratégias de educação em saúde realizadas com adolescentes, embora sendo avaliadas de formas superficiais e pouco eficazes. Ressalta-se que as metodologias participativas são de grande contribuição para o desenvolvimento educacional, reflexivo e de diálogo entre os profissionais e os adolescentes. Identificou-se a desvalorização de utilização de metodologias embasadas cientificamente, para a melhor avaliação das ações educativas.</p> <p>Observou-se que a Enfermagem é a área que vem se destacando nas publicações, nas realizações de intervenções e nas ações educativas. Salienta-se a inserção de uma grande variedade de profissionais envolvidos com pesquisas nesta área de conhecimento.</p>
SANTOS et al., 2019	1,2, 3	Relatar a vivência destes estudantes no PSE, ressaltando a contribuição da formação acadêmica embasada em metodologias ativas para a construção e execução das atividades de inserção prática	<p>Diante do processo de construção da vivência, execução e reflexão, é possível observar que tais atividades induzem o acadêmico a exercer seu papel no processo de construção de conhecimento, alinhando conhecimentos teóricos – que obrigatoriamente se contextualizam e ganham novos significados – à prática. Logo, fica evidente que os objetivos de troca, desconstrução e reconstrução de conceitos que permeavam a promoção de saúde proposta pelos acadêmicos foram alcançados com êxito por meio da formação acadêmica baseada em metodologias ativas que possibilitam o desenvolvimento amplo do aluno. Nesse sentido, o aluno da formação moderna desenvolve habilidades comunicativas, autonomia, responsabilidade e segurança para liderar e administrar atividades de promoção de saúde a partir de sua inserção precoce na atenção básica. Analisando os reflexos da atuação no PSE na formação médica, percebe-se que o estudante, diante desse contexto, consegue enxergar a importância de ações de promoção de saúde, uma vez que visualiza o amplo alcance de ações como as desenvolvidas por meio desses programas e o impacto que podem trazer para a saúde da comunidade. Destaca-se também a relevância do trabalho multidisciplinar e interdisciplinar, em equipe e também intersetorial, aliando saúde e educação, duas áreas responsáveis pelas mudanças profundas e de base na sociedade. Da mesma forma, reitera-se o compromisso do curso de Medicina da Unipampa em promover uma devolutiva à população no âmbito das competências que tangem saúde e sociedade.</p>
ANDRADE et al., 2019	3	Caracterizar o cuidado da criança no contexto da maternidade na adolescência.	<p>A maternidade na adolescência traz complexidades, ambivalências e vulnerabilidades que se manifestam na intensa transição de papéis que se tornam intrinsicamente ligados ao processo de cuidar de si e da criança, emergindo dificuldades e desafios na construção da identidade e no desempenho do papel de ser mãe. Conclui-se, diante das dificuldades e potencialidades que se representam nesse contexto, que a rede de apoio à mãe adolescente é relevante, ganhando destaque a família, o pai da criança e os profissionais de saúde, oferecendo um suporte que repercute no enfrentamento desse processo e, por conseguinte, na qualidade de vida e saúde materno-infantil.</p>
FERREIRA et al., 2019	1	Discutir a percepção de adolescentes acerca da sexualidade no espaço escolar.	<p>A abordagem sobre sexualidade propriamente, não foi identificada como tema regular oferecido com linguagem clara, intersetorial e multidisciplinar, mas ainda repassada de forma tradicional, considerando a dificuldade dos alunos em responder as perguntas da pesquisa. Infere-se que para enfocar temas como sexualidade, além de saúde sexual e saúde reprodutiva, é necessário falar dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, visto que a ausência apropriada dessa abordagem, resulta nas respostas vagas ou mesmo equivocadas obtidas dos alunos, tornando-se necessário, portanto,</p>

			<p>adotar estratégias para o conhecimento dos adolescentes acerca do assunto, para que haja o entendimento não somente do fator biológico em relação ao ato sexual e à gravidez mas, sobretudo, nos aspectos psicológicos, sociais e culturais que permeiam essa questão. Promover uma aproximação entre saúde e educação no intuito de avaliar seus planos de ação e sua repercussão social na vida dos adolescentes pode também ser uma estratégia que apoiará a política de saúde sexual e reprodutiva brasileira.</p>
2018			
RAMOS et al., 2018	2	identificar o uso de métodos contraceptivos por adolescentes de uma escola pública do interior do Maranhão.	<p>Os resultados deste estudo demonstram que as adolescentes possuem informações sobre os métodos contraceptivos, principalmente, a camisinha masculina e a pílula anticoncepcional. Entretanto, algumas adolescentes ainda afirmaram não possuir informações acerca desses métodos. Torna-se oportuno destacar que, apesar da maioria possuir informações, o uso dos métodos não superou sequer o número de adolescentes que afirmou já ter iniciado a vida sexual. Ademais, observou-se a visibilidade reduzida dos profissionais de saúde, os quais foram pouco citados como fontes de informação. Essas questões apoiam a necessidade de desenvolver constantemente ações de saúde que melhorem o conhecimento dos adolescentes sobre a contracepção, a fim de que possam exercer sua sexualidade de forma mais segura. Além disso, vislumbra o envolvimento dos pais, professores e profissionais de saúde nesse processo, com o intuito de minimizar as vulnerabilidades que os adolescentes podem se expor neste período. Destaca-se, como implicações para a enfermagem, a importância do papel do enfermeiro, sobretudo o de educador, como uma maneira de intervir nas dificuldades e fragilidades que os adolescentes possuem, a fim de que possam desempenhar plenamente a sua sexualidade de forma saudável.</p>
COIMBRA et al., 2018	3	Identificar a percepção de acadêmicos de enfermagem sobre o seu preparo no âmbito de graduação para o cuidado a adolescentes grávidas.	<p>Encontrou-se que grande parte deles se sente despreparada técnica e psicologicamente em razão do pouco contato com esse público durante os estágios e da ausência de abordagem específica sobre o tema durante a formação. Não obstante, conseguiram identificar diversas ações imprescindíveis ao cuidado à adolescente gestante, com destaque para aquelas relacionadas à manutenção do corpo biológico, sem prejuízo, no entanto, das ações de promoção e prevenção. Dos resultados obtidos, confirma-se que há necessidade de alinhamento e integração entre as disciplinas, visando ao estreitamento da relação entre a teoria e a prática e à aquisição de competências coerentes com as necessidades das adolescentes gestantes.</p>
DAMASCENA et al., 2018	3	Avaliar a autoestima de gestantes adolescentes, descrevendo-as quanto às suas características sociodemográficas e clínicas, além de identificar o nível de autoestima e a influência das variáveis sociodemográficas nos seus escores.	<p>Identificou-se que, apesar do alto índice de gestantes no município em questão, este é inferior ao da Região Sudeste. Todas as participantes possuíam autoestima insatisfatória, demonstrando necessidade de atuação dos profissionais de saúde, uma vez que esta interfere nos cuidados da mãe com o seu filho. Algumas formas de intervenções da enfermagem poderiam ser pontuadas por meio de orientações acerca do pré-natal e do estímulo a hábitos de vida saudáveis.</p>

<p>MARANHÃO et al., 2018</p>	<p>3</p>	<p>Analisar as reações familiares e sociais diante da gravidez na adolescência.</p>	<p>Observou-se que a revelação da gravidez na adolescência pode gerar sentimentos ambíguos na família, pai da criança e amigos. Constatou-se a predominância de reações de surpresa das pessoas que conviviam com a jovem e que, posteriormente, transformaram-se em sentimentos positivos de alegria e aceitação. Tais atitudes possibilitaram o estabelecimento de relacionamentos satisfatórios e provimento de apoio social e suporte emocional. Entretanto, algumas jovens relataram reações familiares, conjugais e sociais negativas diante da revelação da gravidez, caracterizadas por agressões verbais, imposição do aborto, recusa da paternidade e distanciamento dos amigos. Algumas adolescentes relataram atitudes discriminatórias que partiram das mães das amigas, que percebiam a jovem grávida como uma “má influência” para as suas filhas da mesma idade. Além disso, os profissionais da saúde também foram apontados como autores de atitudes antiéticas influência” para as suas filhas da mesma idade. Além disso, os profissionais da saúde também foram apontados como autores de atitudes antiéticas</p>
------------------------------	----------	---	--

As publicações tiveram maior concentração no ano de 2019, com expressivo salto quantitativo de 2020 para 2021. Considerando as categorias utilizadas como critério para organização dos artigos, verifica-se que a maior concentração de estudos recuperados apresenta foco no tema “gravidez na adolescência”, seguido de “Infecções sexualmente transmissíveis” e “educação sexual em adolescentes”. Poucos estudos abordaram os temas das três categorias, simultaneamente. Apesar de o tema “educação sexual em adolescentes” apresentar um número menor de estudos, observa-se que a temática é mais estudada nos últimos dois anos. Esses achados enfatizam o papel do enfermeiro no planejamento e realização de intervenções de educação em saúde no âmbito da APS, em integração com as escolas, famílias e comunidade, acerca da promoção, proteção e cuidado integral à saúde do adolescente.

A educação sexual para crianças e adolescentes ainda é cercada de muitos tabus. O tripé formado pela família, comunidade e escola que deveria orientar os adolescentes em suas escolhas sexuais e reprodutivas, apresenta limitações severas para exercer sua função. Em tese, a abordagem do assunto está normalmente centrada na biologia reprodutiva ou conselhos sem profundidade.

Para cuidar da saúde do adolescente, é preciso envolvimento profissional, respeito à privacidade e à confidencialidade, proporcionando práticas de aconselhamento individual nas quais as informações obtidas somente sejam reveladas com o consentimento do próprio adolescente. (VENTURA e CORRÊA, 2006). Pode-se atribuir grande parte dos problemas que acometem os adolescentes, como um reflexo de práticas sexuais desprotegidas. Considerando que a prática de orientação sexual de adolescentes faz parte da prática da enfermagem, os resultados poderão contribuir para demonstrar a importância da implementação de ações pelos profissionais enfermeiros, baseadas em conhecimento não só teórico e prático, mas também em conhecimentos das experiências de vida do próprio adolescente, visando, principalmente, à saúde e à qualidade de vida do adolescente.



De acordo com Silva et al. (2019), a enfermagem tem se destacado em publicações, realizações de intervenções e ações educativas. Apesar de as estratégias de educação em saúde realizadas com adolescentes serem avaliadas de formas superficiais e pouco eficazes, as metodologias participativas são de grande contribuição para o desenvolvimento educacional, reflexivo e de diálogo entre os profissionais e os adolescentes. Os autores ainda citam que existe uma grande variedade de políticas públicas voltadas para a saúde do adolescente. No entanto, são poucas as efetivadas e priorizadas para a construção e a formação social do adolescente, em que se predominam ambientes escolares para a iniciativa de estratégias educacionais.

3.1 EDUCAÇÃO SEXUAL EM ADOLESCENTES

No que tange à categoria 1 - educação sexual em adolescentes - verificou-se que os estudos foram desenvolvidos nos âmbitos escolar e da enfermagem.

No que diz respeito à atuação da escola na educação sexual de adolescentes, Ferreira et al. (2019) informam que a educação relacionada à sexualidade geralmente é realizada de forma assistemática e descontínua, com uma abordagem estritamente biológica, ignorando os aspectos históricos, sociais e culturais envolvidos nesse processo em torno da construção de significados. Apesar de o modelo de educação formal oferecido nas instituições escolares, ser devidamente organizado e estruturado em relação ao seu material pedagógico, formação de seus educadores e currículo, os aspectos de gênero e reprodução precisam ser reconhecidos quando se aborda a sexualidade, entendendo que esta vai além do aspecto biológico. Sua abordagem deve ser multidimensional, enfocando os aspectos culturais e sociais dos adolescentes, para que promova e sua percepção com respeito aos diferentes conceitos sobre os modos de vida e da saúde sexual e reprodutiva.

No que se refere à educação sexual dos filhos, foram observados resultados positivos em estudo realizado por Jesus et.al. (2022), uma vez que a maioria entende ser esta uma responsabilidade dos pais e dever da escola. Porém tanto os adolescentes quanto seus pais apresentam uma deficiência no conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez precoce, o que indica a percepção dos pais em relação à educação sexual dos filhos e a tomada de decisão deles.

Para Marcondes et.al (2021), o quesito educação sexual é um assunto de caráter interdisciplinar. E, mesmo que caiba à escola e à família considerarem sua importância no contexto do processo de educação sexual, o que contribui para diminuir o uso dos meios de comunicação pelos adolescentes, esse processo pode ainda contar também com o profissional de enfermagem que, apesar de não mencionado neste estudo, tem atuação relevante e reconhecida como essencial na educação em saúde voltada para a questão da sexualidade, no âmbito escolar.

3.2 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Na categoria 2 - infecções sexualmente transmissíveis os estudos ficaram divididos nas temáticas “métodos contraceptivos”, “questões éticas relacionadas à Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) nas infecções pelo HIV na população adolescente” e “causas, tratamentos e práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência”.

Nos estudos de Lima et.al. (2019), foram analisadas práticas educativas para compreender o jovem em sua complexidade no que diz respeito à prevenção das ISTs. Detectaram que houve uma diminuição nas publicações e perceberam, portanto, a necessidade de uma realização constante de ações a respeito desse assunto por meio de pesquisas em escolas, serviços de saúde e domicílio. Para que o jovem possa compreender melhor sobre a prevenção das ISTs, os autores sugerem que sejam realizadas práticas dialógicas e participativas de longa duração, em grupo e no ambiente escolar, o que favorece a adesão, pois estas são bem avaliadas e bem recebidas pelos adolescentes.

Ainda sobre questões relacionadas ao sexo, na cidade de Monte Alegre do Piauí (PI), Andrade, et.al. 2021 avaliaram o conhecimento desse tema em um público de adolescentes e jovens. Identificaram que, nessa fase de desenvolvimento, 97,5% (n=79) dos participantes já haviam praticado sexo, desde a idade de 15,5 anos, em média. Constataram que o método contraceptivo mais conhecido entre eles é o preservativo, mas apesar de terem consciência das consequências da não prevenção, não o usaram em todas as relações sexuais. Ademais perceberam, tanto no âmbito escolar quanto no âmbito familiar, receios para conversas sobre o tema, ou seja, para estes ainda é um assunto com poucas aberturas para diálogos.

Sobre questões relacionadas à Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) em adolescentes, Soares e Hellmann (2021) estudaram sobre a ética e o impacto na implementação da estratégia de prevenção do HIV. Evidenciaram lacunas, principalmente em relação às minorias sexuais, tanto na pesquisa quanto na assistência, sinais que podem indicar barreiras à sua efetiva implementação, daí a necessidade de serem aprofundadas as discussões sobre o tema.

Ainda sobre as questões relacionadas aos preconceitos existentes em relação ao diálogo sobre as ISTs com os adolescentes, Azevedo e Costa (2021) perceberam que falta um alicerce na escola, na família e na sociedade para essa interação. Identificaram que a Enfermagem pode contribuir de forma significativa para a conscientização das ISTs, nessa fase, pois o enfermeiro, por meio de programas de saúde pública que funcionem, pode fazer muito mais que exercer a prevenção do adolescente, como ainda saber ouvi-lo e deixá-lo seguro para o diálogo, sanando todas as suas dúvidas a respeito da sexualidade.

Rizzon et. al. (2020), avaliar o comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em estudantes do ensino médio de Urussanga-SC. Participaram da pesquisa 178 indivíduos, 61,4% do sexo feminino com média de idades de 16 anos ($\pm 1,04$). Do total, 50% já haviam

iniciado a vida sexual. No grupo de sexo feminino, 48,1% disseram ter um parceiro, já, no grupo do sexo masculino, 40,7% relataram quatro ou mais. Os autores identificaram que 62,4% dos participantes conheciam algumas manifestações de ISTs, como, dor na região genital como sinal de alerta, e menos de 40% reconheciam a presença de feridas e corrimento. Apesar de a maioria dos adolescentes terem recebido orientações e conhecimentos sobre sexualidade, foram percebidas falhas no entendimento. Há que se preocupar com o aumento da não utilização do preservativo da primeira para a última relação sexual, principalmente entre o sexo feminino. Mesmo conhecendo a importância de usar o preservativo, o hábito de não o usar se repete. Diante dessa condição, ocorreu aumento do uso de anticoncepcionais, concomitantemente à diminuição do uso de preservativo, o que leva a entender que há uma preocupação maior com a gravidez indesejada. Existe, portanto uma falha no real entendimento, o que evidencia a necessidade de abordagem do tema, antes da idade de iniciação sexual, nas escolas principalmente, quando se iniciam as atividades sexuais, e ambiente familiar, locais relatados como de preferência. Faz-se necessário o aumento da visibilidade do tema, pois este é um problema vivenciado na sociedade atual, agravado, ainda, pela falta de políticas públicas adequadas.

Também sobre métodos contraceptivos, Ramos et. al. 2018 verificaram, em uma escola pública do interior do Maranhão, que a maioria dos adolescentes conhecem, principalmente camisinha masculina e a pílula anticoncepcional, e, mesmo assim, o uso dos métodos não superou o número de adolescentes que já iniciaram a vida sexual. Poucos alunos disseram ter recebido informações sobre o assunto vindas de profissionais de saúde. Diante da necessidade de promover constantemente ações de saúde que melhorem o conhecimento dos adolescentes sobre a contracepção, envolvendo pais, professores e profissionais de saúde no processo, os autores destacam a importância de o enfermeiro, principalmente do enfermeiro no papel de educador, intervir nas dificuldades e fragilidades que os adolescentes possuem para o pleno desempenho de sua sexualidade de forma saudável.

3.3 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Na categoria 3 - Gravidez na adolescência, verificou-se que os vários estudos abordaram temas diferentes, a saber: o preparo do enfermeiro para o cuidado a adolescentes grávidas; avaliação da autoestima de gestantes adolescentes; as reações familiares e sociais diante da gravidez na adolescência; a percepção de adolescentes gestantes sobre a assistência de enfermagem ao pré-natal; o cuidado da criança no contexto da maternidade na adolescência; os fatores associados à gravidez na adolescência; o significado cultural da gravidez para gestantes adolescentes e as experiências na realização de práticas educativas com puérperas adolescentes em uma maternidade pública.

Em um relato sobre a realização de práticas educativas com puérperas adolescentes em uma maternidade pública, Costa et.al, (2022) verificaram a falta de conhecimento destas a respeito de métodos contraceptivos, e quanto ao comportamento sexual, elas se mostraram tímidas, retraídas e com

medo de falar, principalmente quando acompanhadas. Para os autores é preciso que se realize uma interação profissional-usuário, o que propicia a todos a troca de saberes.

O estudo de Demori et. al. (2021), que diz respeito à compreensão do significado cultural da gravidez para gestantes, demonstra que uma adolescente gestante constrói sua identidade de mãe enquanto vivencia a gestação e enquanto constrói uma identidade de mulher-mãe. Os autores verificaram mudanças na sociedade, ao longo do tempo, as quais influenciam as representações sobre a maternidade. Já se observa o desejo de ser mãe adolescente, ainda que esta, ao descobri-la, demonstre dúvida e ansiedade. As famílias e os parceiros das adolescentes já apoiam a gravidez. Esses sinais levam as adolescentes à elaboração e à percepção de a gravidez nessa fase ser um fato causador de condicionantes positivos, mesmo que, no sentido geral, seja visto como negativo.

Lopes et.al. (2020) estudaram a tendência e os fatores associados à gravidez na adolescência, segundo as características maternas, da gestação, parto e do recém-nascido, entre os anos de 2000 e 2015, em Maringá- PR, visando melhorar as estratégias de saúde para esse público. Encontraram algumas situações de risco associadas à gravidez na adolescência. Porém, percebem a necessidade de avaliar, individualmente, cada região, para, diante de características peculiares, certificar se, realmente, essas gestantes não apresentam riscos. Nesse contexto, o profissional de saúde pode envolver-se nas ações de prevenção à gravidez na adolescência discutindo as suas efetividades, pode ouvir adolescentes e suas famílias para que estes sejam estimulados a pensar em suas escolhas e incentivá-los a respeitarem os limites para o desenvolvimento de uma sexualidade segura.

Para refletir sobre a atuação do enfermeiro nas consultas de pré-natal, especialmente do público adolescente, Carvalho e Oliveira (2019) percebem a necessidade de ampliação e melhoria dessa assistência pelo enfermeiro, no que diz respeito a prestar esclarecimento dos exames que são solicitados durante as consultas e observar, sempre e atentamente, as reações das adolescentes gestantes que, muitas vezes, podem demonstrar dúvidas. Nessa perspectiva, sugerem que sejam realizadas novas investigações para evidenciar aspectos singulares da atuação do enfermeiro, com o objetivo de acompanhar como, realmente, acontece a assistência nessas consultas.

A pesquisa de Andrade et.al. (2019) volta-se para o cuidado da criança no contexto da maternidade na adolescência. Verificou-se que, nessa fase, uma gravidez traz muitas complexidades, ambivalências e vulnerabilidades, uma vez que, nessa condição, há uma intensa transição de papéis inerentemente ligados ao cuidar de si e do bebê, que configuram dificuldades e desafios para construir a identidade de ser mãe. Diante disso, é preciso que se desenvolva uma rede de apoio à mãe adolescente, da qual participem a família, o pai da criança e os profissionais de saúde, para que a adolescente encontre um suporte para enfrentar esse processo com qualidade de vida e saúde materno-infantil.

Coimbra et. al. (2018), em um estudo sobre a percepção de acadêmicos de enfermagem sobre como a graduação os prepara sobre o cuidado para com adolescentes grávidas, identificaram que



grande parte deles se sente despreparados técnica e psicologicamente, porque o contato que os graduandos estabelecem com esse público durante os estágios é pequeno e, ainda, porque durante a formação, não há uma abordagem específica sobre o tema. Mesmo assim, perceberam que diversas ações, imprescindíveis ao cuidado à adolescente gestante, podem ser realizadas, principalmente relacionadas à manutenção do corpo biológico, sem prejuízo, no entanto, das ações de promoção e prevenção. Há, portanto, necessidade de alinhamento e integração entre as disciplinas, para que se consiga estreitar a relação entre a teoria e a prática, bem como sejam adquiridas competências coerentes com as necessidades das adolescentes gestantes.

Para avaliar a autoestima de gestantes adolescentes, Damascena et.al. (2018) estudaram gestantes adolescentes atendidas em Unidades Básicas de Saúde de um município no interior de Minas Gerais. Para tanto, verificaram características sociodemográficas e clínicas, com o objetivo de identificar o nível de autoestima e a influência das variáveis sociodemográficas nos seus escores. O índice de gestantes é alto, apesar de inferior ao da Região Sudeste, todas as pacientes participantes possuíam autoestima insatisfatória, isso demonstra a necessidade de atuação dos profissionais de saúde, pois interfere nos cuidados da mãe com o seu filho. Aqui pode-se perceber a possibilidade de intervenção de profissionais de Enfermagem de intervenções em orientações acerca do pré-natal e do estímulo a hábitos de vida saudáveis.

Ainda a respeito de gravidez na adolescência, Maranhão et.al. (2018) analisaram as reações familiares e sociais diante da gravidez nessa fase e observaram sentimentos ambíguos na família, pai da criança e amigos, gerados pela revelação da gravidez na adolescência. Predominaram as reações de surpresa das pessoas que conviviam com a jovem gestante, porém, posteriormente, tais reações foram transformadas em sentimentos positivos de alegria e aceitação. Atitudes estas que contribuíram para gerar bons relacionamentos e provimento de apoio social e suporte emocional. Porém, houve relatos de reações familiares, conjugais e sociais negativas diante da revelação da gravidez, caracterizadas por agressões verbais, imposição do aborto, recusa da paternidade e distanciamento dos amigos, atitudes discriminatórias vindas de mães das amigas, que julgavam a jovem grávida como uma “má influência” para as suas filhas da mesma idade. Além disso, os profissionais da saúde também foram apontados como autores de atitudes antiéticas.

3.4 ESTUDOS ENVOLVENDO CATEGORIAS SIMULTÂNEAS

Dentre os artigos que apresentam as 3 categorias: educação sexual em adolescentes, Infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, estão os estudos de Santarato et al. (2022), Vieira et.al. (2021) e Santos et.al. (2019).

Santarato et al. 2022 verificaram uma diversidade de práticas sexuais entre os adolescentes, predominantemente pelo sexo oral, seguido pelo vaginal e anal, com tendência de iniciação precoce,



influência do gênero e a associação da utilização de álcool, drogas e cigarro com as atividades sexuais. Esses sinais mostram a relevância do papel do enfermeiro no planejamento e realização de intervenções de educação em saúde no âmbito da APS, integradas à escola, família e comunidade, acerca da promoção, proteção e cuidado integral à saúde do adolescente. Perceberam também uma relação entre a iniciação do sexo seguro e o contexto familiar, isso mostra que um ambiente familiar aberto ao diálogo e que acolhe a adolescente impacta no processo de decisão de relacionar-se sexualmente de formas mais ou menos seguras. Sinalizam, também, a necessidade de elaboração de políticas públicas voltadas à saúde do adolescente.

Nos estudos de Vieira et.al. (2021) os adolescentes apresentaram concepções prévias e eventualmente superficiais a respeito da prevenção de IST e da gravidez. As participantes do sexo feminino apresentaram maior conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e práticas de sexo seguro. A identificação de deficiência no conhecimento apresentada pelo grupo investigado recomenda a realização de atividades relacionadas ao tema da educação sexual nas escolas.

Santos et.al. (2019) relatam a vivência de estudantes no PSE, ressaltando a contribuição da formação acadêmica embasada em metodologias ativas para a construção e execução das atividades de inserção prática. Diante do processo de construção da vivência, execução e reflexão, observa-se que tais atividades induzem o acadêmico a exercer seu papel no processo de construção de conhecimento, alinhando conhecimentos teóricos, contextualização e novos significados, ao vivenciar a prática. Os objetivos de troca, desconstrução e reconstrução de conceitos que permeavam a promoção de saúde proposta pelos acadêmicos foram alcançados com êxito por meio das metodologias ativas que contribuem para o aluno tenha um desenvolvimento mais amplo, como habilidades comunicativas, autonomia, responsabilidade e segurança para liderar e administrar atividades de promoção de saúde a partir de sua inserção precoce na atenção básica. Isso reflete na atuação no PSE na formação médica, pois o estudante consegue enxergar a importância de ações de promoção de saúde, ao perceber como as ações desenvolvidas por meio desses programas impactam a saúde da comunidade. Destacam a relevância do trabalho multidisciplinar e interdisciplinar, em equipe e também intersetorial, em saúde e educação, áreas responsáveis pelas mudanças profundas e de base na sociedade.

4 CONCLUSÃO

Os estudos abordaram diversos temas ligados ao adolescente e sua orientação quanto à sexualidade, os quais foram apresentados em três categorias: educação sexual em adolescentes, Infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Sobre a educação sexual para adolescentes, esta é, geralmente, realizada de forma assistemática e descontínua, com abordagem estritamente biológica. A maioria dos pais e filhos entende que a



educação sexual é responsabilidade dos pais e dever da escola. Mas existe uma deficiência no conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez precoce. E como é um assunto interdisciplinar, o profissional de enfermagem tem atuação relevante e reconhecida como essencial na educação em saúde voltada para a sexualidade, no âmbito escolar.

A respeito de Infecções sexualmente transmissíveis, existe a necessidade de uma realização constante de ações a respeito desse assunto por meio de pesquisas em escolas, realizadas práticas dialógicas e participativas de longa duração, em grupo e no ambiente escolar, serviços de saúde e domicílio, para que o jovem precisa compreender melhor sobre a prevenção das ISTs. Este inicia sua vida sexual precocemente, vive em um contexto de receio para conversas tanto no âmbito escolar quanto no familiar. O método contraceptivo mais conhecido entre eles é o preservativo, conhecem as consequências da não prevenção, e não fazem uso deste em todas as relações sexuais. Há lacunas sobre questões relacionadas à Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) em adolescentes, principalmente em relação às minorias sexuais, tanto na pesquisa quanto na assistência, sinais estes que podem indicar barreiras à sua efetiva implementação, o que indica que os preconceitos existem em relação ao diálogo sobre as ISTs com os adolescentes. Falta um alicerce para a interação escola/família/sociedade. O uso de anticoncepcionais aumentou nos últimos anos devido ao medo de gravidez indesejada nessa fase. A maioria dos adolescentes conhecem, principalmente camisinha masculina e a pílula anticoncepcional, e, mesmo assim, o uso dos métodos não superou o número de adolescentes que já iniciaram a vida sexual. Poucos alunos receberam informações sobre o assunto vindas de profissionais de saúde.

No que concerne à gravidez na adolescência, há falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos. Quanto ao comportamento sexual, a adolescente se comporta timidamente com medo de falar, principalmente, se acompanhada. A gestante constrói sua identidade de mãe enquanto vivencia a gestação e enquanto constrói uma identidade de mulher-mãe, são muitas dificuldades ligadas ao cuidar de si e do bebê para construir essa identidade. Além disso, lida com diferentes reações da família e do parceiro, **como** reações de surpresa, alegria e aceitação, mas também reações negativas diante da revelação da gravidez, como agressões verbais, imposição do aborto, recusa da paternidade, distanciamento dos amigos, discriminação. Foram identificadas algumas situações de risco associadas à gravidez, a depender da região em que a paciente reside. No que diz respeito a consultas, o enfermeiro pode atuar nas consultas de pré-natal com ampliação e melhoria dessa assistência, observar, sempre e atentamente, as reações das adolescentes gestantes que, muitas vezes, podem demonstrar dúvidas. Outro agravante é que a maioria das pacientes têm autoestima insatisfatória, isso demonstra a necessidade de atuação dos profissionais de saúde, pois interfere nos cuidados da mãe com o seu filho.

Tais estudos reforçam o papel do enfermeiro no planejamento, orientação e realização de intervenções de educação em saúde no âmbito da APS, em integração com as escolas, famílias e comunidade, acerca da promoção, proteção e cuidado integral à saúde do adolescente. A Enfermagem



pode contribuir de forma significativa para a educação e sexualidade na adolescência. Por meio de programas de saúde pública, pode fazer muito mais que exercer a prevenção do adolescente, como ainda saber ouvi-lo e deixá-lo seguro para o diálogo. No papel de educador, o enfermeiro pode intervir nas dificuldades e fragilidades que os adolescentes possuem para o pleno desempenho de sua sexualidade de forma saudável. Pode envolver-se, ainda, nas ações de prevenção à gravidez na adolescência.

A maioria dos acadêmicos de enfermagem sentem-se despreparados técnica e psicologicamente, pois o tempo e contato com este público durante o estágio são pequenos. É preciso um alinhamento e integração entre as disciplinas, para que se consiga estreitar a relação entre a teoria e a prática, para que os profissionais de Enfermagem contribuam efetivamente.

Com a atuação do enfermeiro na educação dos adolescentes para a orientação quanto a métodos preventivos, prevenção contra gravidez indesejada e quanto a relação segura, poderão ter o aprendizado que na escola ou em casa não tem, poderão ter abertura para perguntas com o profissional da área da saúde, que é mais orientado para responder essas dúvidas e solucionar os problemas enfrentado por essa geração.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- 1) Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.
- 2) Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- 3) Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.



REFERÊNCIAS

ALVARENGA, J. P. O. LEANDRO, S. S. SOARES, N, S. et al. Modelo de formação para a atenção primária à saúde: evidências no contexto do ensino de enfermagem. Enferm foco. Brasília-DF, 2021.

ANDRADE, P. S. P. de; BARROS, K. R. de S.; SANTOS, J. P. dos; NASCIMENTO, E. F. do;

BACELAR, P. A. A. (2021). Conhecimento de adolescentes e jovens sobre questões relacionadas ao sexo, em uma escola pública de Monte Alegre do Piauí-PI. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 14(2), 1-23. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e16279>

ANDRADE, R. D. et al. O cuidado da criança por mães adolescentes. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e236228

ARAÚJO, M. A.L.; UESONO, J.; MACHADO, N. M. DA S.; PINTO, V. M.; AMARAL E. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: abordagem às pessoas com vida sexual ativa. Epidemiol Serv Saúde [Internet]. 2021;30(spe1):e2020628. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100003.espl>

AZEVEDO, L. C. M. de M.; COSTA, M. de O. A importância da conscientização da IST na adolescência e como a enfermagem pode contribuir para a diminuição destas infecções. Research, Society and Development, v. 10, n. 13, e343101321393, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21393>

CARVALHO, S. S.; OLIVEIRA, L. F. de. Percepção de adolescentes gestantes sobre a assistência de enfermagem ao pré-natal. Enferm. foco (Brasília) ; 11(3): 195-201, dez. 2020.

COIMBRA, W. da S. et al. Preparo de acadêmicos de enfermagem para o cuidado a adolescentes grávidas. REME rev. min. enferm ; 22: e-1102, 2018.

COSTA, C. A. et al. (2022). Práticas educativas sobre planejamento reprodutivo com mães adolescentes: relato de experiência. Saúde Coletiva (Barueri), 12(74), 9760–9769. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2022v12i74p9760-9769>

DAMACENA, L. C. A. et al. GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E AUTOESTIMA. Rev Enferm Atenção Saúde [Online]. Out/Dez 2018; 7(3):39-49.

DEMORI, C. C. et al. Realização de um sonho: o significado cultural da gravidez para gestantes adolescentes / Completion of a dream: the cultural meaning of pregnancy for pregnant teenagers / Realización de un sueño: el significado cultural del embarazo para adolescentes embarazadas. Rev. enferm. atenção saúde ; 10(1): e202111, jan.-jun. 2021.

FERREIRA, E. de A. et al. (2021). Sexualidade na percepção de adolescentes estudantes da rede pública de ensino de Macapá. Saúde Coletiva (Barueri), 8(45), 812–816. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2018v8i45p812-816>

FERREIRA, E. de A.; ALVES, V. H.; PEREIRA, A. V.; RODRIGUES, D. P.; SANTOS, M. V. dos; GABRIELLONI, M. C. Sexualidade na percepção de adolescentes estudantes da rede pública de ensino: contribuição para o cuidado. Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online); 11(5): 1208-1212, out.-dez. 2019.



GOTARDO, P. L.; SCHMIDT, C. L. . (2022). Atuação do enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva de adolescentes . *Conjecturas*, 22(13), 453–467. Recuperado de <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1701>

HUGO, T. D. de O. et al. (2011). Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. *Cadernos De Saúde Pública*, 27(11), 2207–2214. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011001100014>

JESUS, H. R. de et al. (2022). Saberes sobre sexualidade: conhecimento de pais ou responsáveis por adolescentes. *Saúde Coletiva (Barueri)*, 12(74), 9908–9921. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2022v12i74p9908-9921>

LIMA, L. V. de et al. (2022). Educational practices for the prevention of sexually transmitted infections in adolescence: a realistic review / Práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão realista. *Revista De Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 14, e–11755. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11755>

LOPES, M. C. de L. et al. Tendência temporal e fatores associados à gravidez na adolescência. *Rev. esc. enferm. USP* 54, 2020. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019020403639>

MARANHÃO, T. A. Atitudes e reações familiares e sociais diante da gravidez na adolescência. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 12(4):840-8, abr., 2018.

MARCONDES, F. et al. (2021). Educação sexual entre adolescentes: um estudo de caso. *Nursing (São Paulo)*. 24. 5357-5366. [10.36489/nursing.2021v24i274p5357-5366](https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i274p5357-5366).

RAMOS, L. de A. S. et al. USO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS POR MULHERES ADOLESCENTES DE ESCOLA PÚBLICA. *Cogitare Enferm.* (23)3: e55230, 2018. *Cogitare Enferm.* (23)3: e55230, 2018. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i3.55230>

RIZZON, B. B. et al. Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio / Risk behavior for sexually transmitted infections in high school students. *Femina* ; 49(1): 52-57, 2021.

SANTARATO, N. et al. (2022). Caracterização das práticas sexuais de adolescentes . *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 30(spe), e3712. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6289.3712>

SANTOS, A. C. D. et al. Relato de Experiência: Construção e Desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a Perspectiva da Sexualidade na Adolescência. *Rev. bras. educ. med.* 43 (4) • Oct-Dec 2019 • <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n4RB20180248>.

SEHNEM, G. D. CRESPO, B. T. T. LIPINSKI, J. M. et al. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais de enfermagem. *Av enferm.* v. 37, n. 3, p. 343-352, 2019.

SILVA, R. P. da Avaliação das estratégias de educação em saúde com adolescents. *Rev. APS.* 2019; abr./jun.; 22 (2).p. 385-404

SOARES, F. M.; HELLMANN, F. (2022). Ethics and pre-exposure prophylaxis (PrEP) in adolescents: an integrative review. *Brazilian Journal of Sexually Transmitted Diseases*, 33. <https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-20213333>



VENEZIANIM, C. M., ALONSOR, A. G. M. (2022). Ações de prevenção em saúde sexual para adolescentes: a atuação de acadêmicos de medicina em programa de saúde na escola. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 15(7), e10618. <https://doi.org/10.25248/reas.e10618.2022>

VENTURA, M.; CORRÊA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 7, p. 1505–1509, jul. 2006

VIEIRA, K. J. et al. (2021). CONHECIMENTOS DE ADOLESCENTES SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. *Revista Baiana De Enfermagem*35, . <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.39015>

ANEXOS

Anexo A – Diretrizes para Autores (Research, Society and Development) Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/about/submissions>

DIRETRIZES PARA AUTORES

1) Estrutura do texto:

- Título em Português, Inglês e Espanhol.
- Os autores do artigo (devem ser colocados nesta sequência: nome, ORCID, instituição, e-mail). OBS.: O número do ORCID é individual para cada autor, e ele é necessário para o registro no DOI, e em caso de erro, não é possível realizar o registro no DOI).
- Resumo e Palavras-chave em português, inglês e espanhol (o resumo deve conter objetivo do artigo, metodologia, resultados e conclusão do estudo. Deve ter entre 150 a 250 palavras);
- Corpo do texto (deve conter as seções: 1. Introdução, na qual haja contextualização, problema estudado e objetivo do artigo; 2. Metodologia utilizada no estudo, bem como autores de suporte a metodologia; 3. Resultados (ou alternativamente, 3. Resultados e Discussão, renumerando os demais subitens); 4. Discussão e, 5. Considerações finais ou Conclusão);
- Referências: (Autores, o artigo deve ter no mínimo 20 referências as mais atuais possíveis. Tanto a citação no texto, quanto no item de Referências, utilizar o estilo de formatação da APA - American Psychological Association. As referências devem ser completas e atualizadas. Colocadas em ordem alfabética crescente, pelo sobrenome do primeiro autor da referência. Não devem ser numeradas. Devem ser colocadas em tamanho 8 e espaçamento 1,0, separadas uma das outras por um espaço em branco).

2) Layout:

- Formato Word (.doc);
- Escrito em espaço 1,5 cm, utilizando Times New Roman fonte 10, em formato A4 e as margens do texto deverão ser inferior, superior, direita e esquerda de 1,5 cm.;
- Recuos são feitos na régua do editor de texto (não pela tecla TAB);
- Os artigos científicos devem ter mais de 5 páginas.

3) Figuras:

O uso de imagens, tabelas e as ilustrações deve seguir o bom senso e, preferencialmente, a ética e axiologia da comunidade científica que discute os temas do manuscrito. Obs: o tamanho máximo do arquivo a ser submetido é de 10 MB (10 mega).



As figuras, tabelas, quadros etc. (devem ter sua chamada no texto antes de serem inseridas. Após a sua inserção, deve constar a fonte (de onde vem a figura ou tabela...) e um parágrafo de comentário no qual se diga o que o leitor deve observar de importante neste recurso. As figuras, tabelas e quadros... devem ser numeradas em ordem crescente. Os títulos das tabelas, figuras ou quadros devem ser colocados na parte superior e as fontes na parte inferior.

1) Autoria:

O arquivo em word enviado (anexado) no momento da submissão NÃO deve ter os nomes dos autores.

Todos os autores precisam ser incluídos apenas no sistema da revista e na versão final do artigo (após análise dos pareceristas da revista). Os autores devem ser registrados apenas nos metadados e na versão final do artigo (artigo final dentro do template) em ordem de importância e contribuição na construção do texto. OBS.: Autores escrevam o nome dos autores com a grafia correta e sem abreviaturas no início e final artigo e também no sistema da revista.

O artigo pode ter no máximo 10 autores. Para casos excepcionais é necessário consulta prévia à Equipe da Revista.

2) Comitê de Ética e Pesquisa:

Pesquisas envolvendo seres humanos devem apresentar aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa.

3) Vídeos tutoriais:

- Cadastro de novo usuário: <https://youtu.be/udVFytOmZ3M>
- Passo a passo da submissão do artigo no sistema da revista: <https://youtu.be/OKGdHs7b2Tc>

4) Exemplo de referências em APA:

- Artigo em periódico:

Gohn, M. G. & Hom, C. S. (2008). Abordagens Teóricas no Estudo dos Movimentos Sociais na América Latina. *Caderno CRH*, 21(54), 439-455.

- Livro:

Ganga, G. M. D.; Soma, T. S. & Hoh, G. D. (2012). *Trabalho de conclusão de curso (TCC) na engenharia de produção*. Atlas.

- Página da internet:

Amoroso, D. (2016). *O que é Web 2.0?* <http://www.tecmundo.com.br/web/183-o-que-e-web-2-0->

0-



5) A revista publica artigos originais e inéditos que não estejam postulados simultaneamente em outras revistas ou órgãos editoriais.

Dúvidas: Quaisquer dúvidas envie um e-mail para rsd.articles@gmail.com ou dorlivete.rsd@gmail.com ou WhatsApp (55-11-98679-6000)